

Giuseppe Garibaldi: entre a paixão política e o jogo político

Isabella Nogueira

Universidade Federal de Goiás

Goiânia - Goiás - Brasil

granataisabellan@gmail.com

Resumo: Neste artigo, queremos explorar o *campo político* que envolveu a trajetória de Giuseppe Garibaldi. Para lograr esse intento foi necessário apresentar os lugares de fala do personagem, o que foi feito por meio da análise de alguns autores que tratam de suas ações militares e políticas. Interessamo-nos em procurar entender o *jogo político* que o envolveu e, principalmente, nos questionarmos sobre a existência de um projeto político que o antecedeu. Garibaldi, envolvido pelas suas paixões políticas, fez com que as conjunturas guiassem seus feitos? Ou ele estava consciente de tudo que estava à sua volta e da condução de sua própria história? Voltando ao tempo do político, assim como nos sugere Koselleck (2006), se referindo ao período do século XVII em diante, vamos explorar como Garibaldi se envolveu com esse período político.

Palavras-chave: Tempo Político. Garibaldi.

Introdução

Seu poncho e sua camisa vermelha tinham o poder de exaltar os ânimos tanto daqueles que o admiravam quanto daqueles que não o queriam vivo. Certamente, as chances de perder a vida em combates Giuseppe Garibaldi as teve de sobra, devido a sua contínua participação em combates. Ao longo século XIX, esse personagem ficou conhecido por suas ações militares e também políticas. A História tradicional o transformou em herói, legando-lhe o título de “herói de dois mundos”. Suas ações bélicas durante a Revolução Farroupilha, no Rio Grande do Sul ou em Montevideu, o consagraram como herói.

Se existem muitos tempos, queremos falar, aqui, daquele em que a ação política modificou a linguagem e penetrou em todos os outros campos, do religioso ao literário, do econômico ao social. Esse tempo do político já vinha se consolidando há alguns séculos, antes mesmo da vida de Garibaldi e do século XIX, conhecido como o século do político. Referimo-nos, nesse momento, a por volta do século XVII. É possível perceber isso através das palavras de Koselleck (2006, p. 27), para quem “o acordo nascido da necessidade trazia em si um novo princípio, aquele da ‘política’, que deveria se disseminar no século seguinte”. Nosso objetivo é tentar perceber esse político na trajetória de Garibaldi, examinando o que

já foi dito sobre tal autor, principalmente por meio das biografias. Vamos pensar essa trajetória analisando suas paixões políticas e o jogo político existente em sua época.

Garibaldi possuía um grande objetivo: unificar a península itálica. Devido a essa paixão, esse homem realizou muitas façanhas, que culminaram na formação do Reino da Itália e dividem, até hoje, a opinião pública naquele país. O mote principal daqueles que o defendiam e defendem é dizer que Garibaldi era um altruísta, cuja causa era a favor do povo. Contudo, para alguns autores, como por exemplo Antonio Pagano (2008), Garibaldi não se importou em derramar muito sangue, até mesmo de inocentes, por seu objetivo visto como egoísta. Para eles, Garibaldi passou por cima da vontade do povo e se juntou com quem na verdade pouco se importava com a vida da população, defendendo apenas seus próprios interesses.

Garibaldi não defendia a monarquia e se declarava em sua autobiografia como republicano. Entretanto, austríacos, franceses e espanhóis provavelmente o incomodavam muito mais ou tanto quanto o regime monárquico, o que fez com que sua aliança com tal poder fosse estabelecida durante os anos 50 e 60 do século XIX. Sua aliança com a monarquia nos faz questionar seu posicionamento político: por que escolheu a aliança com a monarquia a uma luta contra tudo e contra todos, como proposto por Giuseppe Mazzini? Hobsbawm (1988, p. 130) nos dá um precioso indício:

Todavia, no período de 1880 a 1914, o nacionalismo avançou dramaticamente e seu conteúdo ideológico e político transformou-se. Seu próprio vocabulário indica a significação desses anos. A própria palavra “nacionalismo” apareceu pela primeira vez em fins do século XIX, para descrever grupos de ideólogos de direita na França e na Itália, que brandiam entusiasticamente a bandeira nacional contra os estrangeiros, os liberais e os socialistas, e a favor daquela expansão agressiva de seus próprios Estados, que viria a ser tão característica de tais movimentos.

Esse trecho nos mostra como a luta era árdua e como os grupos de direita – no caso da Itália, a monarquia Savoia – estavam interessados na unificação tanto quanto os liberais de esquerda. Talvez por isso Garibaldi tenha se aliado à monarquia. Para entender, então, esse jogo político em que se articulou a unificação e, principalmente, como Garibaldi possivelmente se inseriu nisso, foi interessante introduzir o conceito do sociólogo Bourdieu (1989). Entre os jogos políticos, ele nos mostra como muitas vezes a manipulação está presente, agindo especialmente nas paixões políticas, muito estudadas atualmente na Nova História Política.

A partir disso, questiona-se: Garibaldi foi um ingênuo, um romântico ou um interesseiro? As definições são múltiplas. Este é um dos tantos questionamentos que nos pomos quando analisamos a produção biográfica existente sobre esse personagem. O fato de Garibaldi ter comprado uma ilha para morar com a família por volta de 1860, ao sair da

ação militar e política após a aliança com a monarquia, parece ter deixado ressentimentos no coração de muitos, que fazem disso a arma para conspurcar o “herói de dois mundos”.

Quando lemos, por exemplo, sua autobiografia, é-nos apresentada a imagem de um homem tenro, justiceiro de todas as causas do povo honesto e de bem, amargurado pelo andamento da situação da já unificada Itália e vítima de um poder egoísta e interesseiro que o fez cair em uma armadilha. Será? Tentaremos perceber esse jogo político considerando as paixões políticas de Garibaldi, como também seu lugar de fala e suas escolhas.

A trajetória de Giuseppe Garibaldi no campo político

Vamos pensar a trajetória de Giuseppe Garibaldi por meio do olhar de alguns autores. Para isso, vamos nos utilizar do conceito de campo político, de Pierre Bourdieu (1989) para poder pensar como Garibaldi, que teve uma vida dedicada à ação política, poderia ter se colocado diante de algumas situações e como essas situações poderiam ter influenciado em sua trajetória. Para atingir esse objetivo analisaremos as narrativas da construção do personagem Garibaldi e pensaremos a ideia de “vocação” como uma construção posterior. Ou seja, o destino não definiu quem seria Garibaldi, mas suas escolhas nos interessam. Ademais, não trataremos da biografia de Garibaldi de acordo com o que Sartre, segundo Dosse (2009, p. 232), sugere:

Sartre chega quase a negar a possibilidade de uma mudança qualquer em face do que se oferece como uma estrutura intransponível. Nenhum acontecimento significativo poderá de fato ocorrer, pois os traços da personagem já estão lá, fixados para sempre, sujeitos a manifestações puramente fenomênicas do mesmo. Portanto essa estrutura subjetiva se expõe ao tempo sem sofrer modificações sensíveis numa história imobilizada. O sujeito se torna um desafio ao tempo e “cada acontecimento nos devolve o reflexo dessa totalidade indecomponível que ele foi do primeiro ao último dia”. Da liberdade de escolha inicial um fatum, um destino que trabalha o sujeito sem que o sujeito o perceba: “A livre escolha do homem identifica-se em tudo ao que chamamos de seu destino”.

É possível pensar que o que nós sugerimos de “acaso não é acontecimento sem causa” se é que existe um acaso, fala-se talvez de causa e efeito. Sendo assim, esse ‘efeito’ não seria definido como totalmente “não desejado” e “não previsto”, até porque a própria causa não o seria. Isso se aplica pelo menos quando se fala de um *campo político*. Talvez a natureza e suas forças não imanentes levem essas causas e efeitos a percepção de um caminho delineado pelo acaso, não totalmente perceptível ao homem, mas, no caso analítico, eles podem ser pensados e criticados por uma visão que não seja caracterizada pelo acaso. As hipóteses são criações que nos levam a analisar esse real não totalmente apreensível.

A primeira apreensão que se tem do real é produzida pelos sentidos. Neste momento, é possível perceber que algo existe, mas implica um equívoco pensar que aquilo que está sendo sentido mantém uma equidade com o objeto original. Trata-se de uma primeira transfiguração do real: o mundo se constituiu em imagem. A imagem, por sua vez, transfigura-se em som. Até que este se metamorfoseia em palavras e estas, finalmente, em conceitos. O conhecimento, produzido por meio da linguagem conceitual, tem a ilusão de que, mesmo depois de tantas transfigurações e metamorfoses, ainda é capaz de expressar e traduzir o mundo. [...] não se está afirmando aqui, no entanto, a não existência do real, mas a impossibilidade de conhecê-lo (BORDONAL; GIANNATTASIO, 2013, p. 21-22).

Não foi, certamente, o amor dos pais ou mesmo a boa condição de nadador que fez de Garibaldi um mito. Há toda uma construção. Trabalhamos a partir da compreensão segundo a qual os significados são atribuídos, isto é, não encontraremos aquela que é a verdade absoluta. Segundo Bourdieu (1989, p. 169), “o *habitus* do político supõe uma preparação especial”. Garibaldi não teve essa preparação especial, porém, deve-se considerar que muitos o ajudaram a construir seu mito, passando, então, por cima desta. Sim, ele fez parte dessa construção, só não se pode definir se foi de forma totalmente consciente ou não.

Por acaso a construção desse mito se daria por sua tomada de posição (ou posições), de acordo com o que Bourdieu (1989, p. 172) chama de *político avisado*? Isso significaria que ele

[c]onsegue dominar praticamente o sentido objetivo e o efeito social das suas tomadas de posição graças ao domínio que ele possui do espaço da tomada de posições atuais e, sobretudo, potenciais ou, melhor, do princípio dessas tomadas de posição, a saber, o espaço das posições objetivas no campo e das atitudes dos seus ocupantes.

Spadolini (1982, p. 16) está de acordo com essa afirmação e chama Garibaldi de *político avisado*. De acordo com o autor, “Garibaldi era dotado de um autêntico ‘faro’ político, de uma consciência aguda dos problemas e das oportunidades, de uma percepção vigilante dos limites e das ocasiões históricas: não refinada, não aprofundada, mas instintiva e elementar”.¹

Gramsci (2000), fazendo uma análise não sobre a vida de Garibaldi, mas sobre o campo político que o toma como herói, o *Risorgimento*,² não o colocaria como um *político avisado*, ao contrário, como participante consciente ou inconsciente de um *jogo*. Gramsci

¹ Tradução nossa de: “Garibaldi era dotato di un autentico ‘faro’ politico, di una coscienza acuta dei problemi e delle opportunità di una percezione vigile dei limiti e delle occasioni storiche: non raffinata, non approfondita magari, ma istintiva ed elementare.”

² Conceito historiográfico para denominar o processo espiritual e político que a Itália sofreu após o Congresso de Viena (1814-1815), período que levou as pequenas regiões à independência nacional, passando o poder dos estrangeiros (austriacos, franceses e espanhóis) à dinastia dos saboias. Ver: MARTUCCI, Roberto. *L’invenzione dell’Italia unita 1855-1864*. 4. ed. Milano: RCS Sansoni, 2011.

fala de partidos e mostra esse jogo através das posições dos partidos, dos quais dois eram principais: um que ele chama de *Partito d'Azione* [Partido de Ação] e outro que é o *Partito dei Moderati* [Partido dos Moderados]. Garibaldi fazia parte do primeiro, que, conforme Gramsci (2000, p. 86-87):

[...] Não se apoiava especificamente a nem uma classe histórica e as mudanças ocorridas em seus órgãos dirigentes aconteciam de acordo com os interesses dos moderados; isto é, historicamente, o Partido de Ação foi guiado pelos moderados: a afirmação atribuída a Vittorio Emanuele II de “tê-los no bolso”, o Partido de Ação ou alguma coisa similar é praticamente exata, e não só pelos contatos pessoais que o Rei tinha com Garibaldi, mas porque de fato o Partido de Ação foi dirigido “indiretamente” por Cavour e pelo Rei.³

Essa dominação sobre Garibaldi ocorreu quando sua imagem já tinha certa relevância, ou seja, quando Cavour e o Rei dele se utilizaram, a propagação de sua imagem já vinha sendo feita há tempo por Mazzini e Cuneo. Carta (2013, p. 41-42) nos diz que:

Ainda assim, a visão de Carlyle pode ter influenciado o pensamento de Mazzini sobre a importância de personalidades heroicas tanto na política quanto na guerra. A ênfase dada por Carlyle ao herói pode também ter aguçado a percepção, pelo exilado, de que a Itália carecia de um líder carismático. Mazzini acabou por reconhecer, em algumas ocasiões, que seu *popolo* necessitava ter um ou mais heróis com um impacto mais duradouro do que o do já citado Menotti, um mártir periférico do movimento pela unificação italiana. A aceitação dessa necessidade parece ser uma das principais razões para sua apropriação da figura de Giuseppe Garibaldi. Mazzini precisava de um herói para atingir seus objetivos republicanos, e as aventuras de Garibaldi na América do Sul lhe davam a peça perfeita de encaixe. Em uma carta enviada para Giovanni Battista Cuneo, em Montevidéu, em 1843, ele escreveu: “Garibaldi é um homem que se tornará útil ao país quando for a hora de agir”.

É a partir de Cuneo e Mazzini que percebemos a construção de um personagem. Utilizavam-se geralmente da imprensa, que Mazzini considerava “o árbitro das nações”, e através dela propagavam suas ideias. Em Garibaldi, viram um personagem útil e se esforçaram para que a construção fosse feita de modo a chamar a atenção e buscar a adesão do maior número de pessoas ao objetivo da Unificação italiana, fato social em coerção aos sujeitos, quaisquer que sejam. Para tanto, Cuneo teve de passar por cima de sua não afinidade com Garibaldi.

Cuneo não só voltou à Itália para lutar com Garibaldi no Risorgimento, como também escreveu como já dito antes, sua primeira biografia e publicou-a em Turim, em 1850. Ainda assim, seus sentimentos pessoais para com ele permaneceram sem entusiasmo durante todo esse tempo. [...] Mazzini sabia muito bem do conflito entre Garibaldi e Cuneo. Mazzini também manifestou

³ Tradução nossa de: “non si appoggiava specificatamente a nessuna classe storica e le oscillazioni subite dai suoi organi dirigenti in ultima analisi si componevano secondo gli interessi dei moderati; cioè storicamente il Partito d'Azione fu guidato dai moderati: l'affermazione attribuita a Vittorio Emanuele II di “avere in tasca” il Partito d'Azione o qualcosa di simile é praticamente esatta e non solo per i contatti personali del Re com Garibaldi, ma perché di fatto il Partito d'Azione fu diretto “indirettamente” da Cavour e dal Re.”

preocupação com os estremecimentos com Garibaldi: “Lamento muito a separação que existe entre vocês dois. Eu não sei de onde ela vem; mas ela é danosa e é necessário tentar superá-la [...]. Eu confio em que não poupará esforços para promover uma reaproximação”. Mazzini acrescentou que escreveria para lhe sugerir reunir-se com Cuneo. [...] Aparentemente Cuneo aceitou o conselho: ele continuou a prestigiar vigorosamente Garibaldi nas páginas do *Il Legionario Italiano*, no *El Nacional* e nos periódicos italianos *Il Corriere Livornese* e *La Concordia*. (CARTA, 2013, p. 54-55).

Estes que também faziam parte do *Partito d'Azione*, ao qual Gramsci (2000) se refere, começaram uma construção política de Garibaldi, com o objetivo de inseri-lo em um campo político. A “estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes que são, [...] os princípios do campo” (BOURDIEU, 1996, p. 23) e “os campos são lugares de relações de força que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas” (BOURDIEU, 1996, p. 27), além de também serem um campo de lutas, onde:

Os agentes por excelência desta luta [manter ou subverter a distribuição do poder sobre poderes público] são os partidos, organizações de combate especialmente ordenadas em vista a conduzirem esta forma sublimada de guerra civil, mobilizando de maneira duradoura, por previsões prescritíveis, o maior número possível de agentes dotados da mesma visão do mundo social e do porvir. Para garantirem essa mobilização duradoura, os partidos devem, por um lado, elaborar e impor uma representação do mundo social capaz de obter a adesão do maior número possível de cidadãos e, por outro lado, conquistar postos (de poder ou não) capazes de assegurar um poder sobre os seus tributários. (BOURDIEU, 1989, p. 174).

Garibaldi realmente parecia fazer bem o jogo do político, principalmente quando se falava de seu objetivo, que era o desejo de unificar a península itálica. Entretanto, para entendermos um pouco mais da questão do projeto político e da construção de um mito, vamos tomar as palavras de Bourdieu (1996, p. 24), para quem “[s]ó compreendemos verdadeiramente o que diz ou faz um agente engajado num campo [...] se estamos em condições de nos referirmos à posição que ele ocupa nesse campo, se sabemos ‘de onde ele fala’”.

Segundo os autores analisados, o encontro de Garibaldi com os ideais sansimonianos⁴ e, em seguida, mazzinianos,⁵ definiu sua primeira posição política, levando-

⁴ Na origem da “seita” encontra-se a doutrina elaborada por Claude Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon (1760-1825). Milza (2012) afirma que Claude Henri sustenta a ideia de uma sociedade em que o poder tem de pertencer a industriais e produtores que trabalham para o enriquecimento da nação como dirigentes de imprensa, banqueiros que financiam o sistema e também operários, camponeses e artistas. Uma sociedade na qual cada um seria remunerado de acordo com a sua capacidade produtiva, expressa nos serviços feitos para a coletividade. A realização da justiça social, acompanhada do respeito pela lei, asseguraria uma paz interna nos Estados e a felicidade das classes trabalhadoras.

⁵ Mazzini era um revolucionário democrático, para quem os dois principais obstáculos para a liberdade eram a resistência dos princípios e o particularismo local, só precisaria liberar-se de uma adotando um regime republicano e do outro unificando o país. Suas ideias estavam unidas também, de forma mais ampla, ao romantismo. A sociedade mergulhava em um misticismo religioso evidente no lema “*Dio e Libertà*” (MILZA, 2012). Para dar difusão a suas ideias, Mazzini aposta na educação, de modo a despertar

o, em seguida, a ser adepto de um movimento político conhecido como *Giovine Italia*. Em suas memórias comentadas por Dumas (1860, p. 17), Garibaldi fala sobre a conversa que teve com Émile Barrault:⁶

Em primeiro momento o apóstolo me provou que o homem o qual defende a sua pátria e ataca a do outro país, não é que um soldado lamentável na primeira hipótese – injusto na segunda – mas que o homem fazendo-se cosmopolita, adota a segunda por pátria e vai oferecer a espada e o sangue para cada povo que luta contra a tirania, é mais que um soldado: é um herói.

Com essas ideias, Garibaldi se encontrará, em seguida, com o que ele chama de *credente*, o qual o inserirá no meio dos movimentos de Mazzini. Condenado à morte pela coroa da Itália, Garibaldi foge para, em seguida, desembarcar, em 1836, no Rio de Janeiro. Participou da Revolução Farroupilha a partir de 1837. Segundo Carta (2013), ele se sentia um cosmopolita e humanitário, sentimento que o levou a condenar, na América Latina, o colonialismo, a escravidão e o imperialismo. Angela Pellicciari (2000) fala da omissão de detalhes, ou seja, para ela, Garibaldi escrevia o que queria e escreviam sobre ele o que queriam. Para essa autora, Garibaldi não negava verdadeiramente a escravidão, por exemplo.

Segundo Carta (2013, p. 58), desde sua chegada ao Rio de Janeiro, Garibaldi “reforçou a autoestima política dos exilados italianos e seu sentimento de *italianità*”. Isso porque se propagou, entre os exilados, a notícia de que ele era um enviado de Mazzini. Foi a “seita” mazziniana que o colocou como líder da *Giovine Itália* na América do Sul, com a tarefa, inicialmente, de promover o republicanismo e, ao mesmo tempo, de recrutar italianos para o retorno à Península, para a luta de sua unificação. Formou-se, então, em 1836, a Jovem Rio, fundada por Garibaldi.

Entre as ideias de Mazzini⁷ e as de Claude Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon,⁸ conforme Moacyr Flores (1982, p. 49), a contribuição ideológica de Garibaldi na

o nacionalismo na população, e sustenta seu discurso dizendo que era um papel histórico que a providência lhe havia atribuído.

⁶ Em 1833, Garibaldi tinha vinte e seis anos. Conforme a matrícula da marinha sarda, era um homem alto, com um metro e sessenta e seis, tinha os cabelos loiros e os olhos castanhos claros. No navio *Clorinda*, transporta, de Marselha a Constantinopla, um grupo de exilados sansimonianos guiados por Émile Barrault (MILZA, 2012).

⁷ Giuseppe Mazzini (1805-1872) “construiu uma reputação como líder republicano do *Risorgimento* e passou a maior parte de sua vida adulta no exílio, em Londres. Viveu muitos anos na capital britânica, tornando-se um líder mítico, conhecido entre seus seguidores como o Profeta” (CARTA, 2013, p. 32).

⁸ Conde de Saint-Simon (1760-1825) sustenta a ideia de uma sociedade em que o poder tem de pertencer a industriais e produtores, que trabalham para o enriquecimento da nação como dirigentes de imprensa, banqueiros que financiam o sistema e também operários, camponeses e artistas. Nessa sociedade, cada um seria remunerado de acordo com a sua capacidade produtiva, expressa nos serviços feitos para a coletividade.

revolução foi nula, “por ser antagônica aos princípios liberais dos farroupilhas, e suas atuações militares classificam-se como mínimas no contexto bélico da República Rio-Grandense”. Esse mesmo autor argumenta que, “quando ele entrou em contato com a Revolução Farroupilha, em 1836, o movimento já havia sido articulado e definido os princípios básicos de sua doutrina política e sistema de governo” (FLORES, 1982, p. 52). Confirmando essa interpretação, Gianni Carta (2013, p. 94) nos diz: “Rossetti,⁹ Garibaldi e Cuneo¹⁰ estavam conscientes das suas diferenças em relação à elite rio-grandense”.

Sendo declaradas as diferenças, o que envolvia a imagem de Garibaldi? O que move os biógrafos a escreverem sobre suas ‘aventuras’ latino-americanas como sinal de um homem corajoso que conseguiu ‘unificar’ um território tão diferente? E, principalmente, qual a posição de Garibaldi? Carta (2013) fala, em um primeiro momento, de um “socialista”, um adepto da “irmandade universal”. Garibaldi é lembrado até hoje assim e Scirocco (2011) assim o define. Por que então, após sua volta, na Itália se fala de um Garibaldi ditador, monarquista? Qual a posição que Garibaldi estaria tomando, ao retornar, nesse grande campo político?

O rompimento entre Mazzini e Garibaldi teve início em meados da década de 1840, quando o chefe da *Giovane Italia* baseado em Londres percebeu pela primeira vez a disposição de Garibaldi de trabalhar com facções moderadas do Risorgimento. Como já mencionado, em uma carta datada de outubro de 1846 dirigida a Cuneo, Mazzini enfatizou a importância de Garibaldi para os republicanos italianos e o fato de que ele “está disposto e é capaz [...] de agir em nosso proveito”. Ainda segundo Mazzini, Garibaldi não deveria nutrir esperanças de participar na política. Em outras palavras, ele considerava Garibaldi o homem que poderia liderar o *popolo* na batalha armada, mas que não era um fiel seguidor do seu programa político. [...] O líder da *Giovane Italia* ficou surpreso por Garibaldi tentar unir força com o Reino Sardo-Piemontês que o havia condenado à morte em 1834. Além disso, Garibaldi tomou outra posição forte ao não convidar Mazzini para acompanhá-lo na expedição I Mille. A traição à causa mazziniana aumentou quando Garibaldi proclamou uma ditadura no território conquistado, e não uma república, como onze anos antes em Roma. Para piorar o quadro aos olhos de Mazzini, Garibaldi aceitou legar o libertado Reino das Duas Sicílias ao Reino Sardo-Piemontês. Para os mazzinianos, esse ato provou que Garibaldi havia posto de lado seus ideais republicanos, se os tivera de fato um dia.

⁹ Sobre Luigi Rossetti (1800?-1840): “Sabe-se muito pouco sobre Luigi Rossetti. Nasceu em Gênova, frequentou o mesmo curso que Mazzini, na Universidade de Gênova, mas não há registro escrito de sua formatura. Ainda estudante, fundou o jornal *La Voce del Popolo*, do qual até hoje não se encontram exemplares. Provavelmente se envolveu na insurreição de 1821, em Nápoles, e fugiu para Malta ou Marselha, antes de ir para o Rio de Janeiro, onde chegou em 1826 ou 1827. Editor oficial da República Rio-Grandense, O Povo, de setembro de 1838 a março de 1839. Morreu no dia 23 de novembro de 1840, durante uma batalha contra tropas imperiais em Setembrina, hoje município de Viamão e parte da região metropolitana da capital gaúcha” (CARTA, 2013, p. 44-46).

¹⁰ “Nascido em Oneglia, na Liguria, Giovanni Battista Cuneo (1809-1875) era escritor prolífico e ele mesmo um grande leitor. Cuneo escrevia artigos em português, espanhol e italiano. Editou vários jornais na América do Sul, produziu numerosos artigos sobre Garibaldi, acompanhou este quando de seu retorno a Península, em 1848, foi membro do Parlamento Sardo -Piemontês em 1849, também publicou a primeira biografia de Garibaldi, em 1850, em Turim, e voltou a Montevidéu em 1851, onde criou um salão literário para italianos. Morreu em Florença com 66 anos de idade” (CARTA, 2013, p. 47).

Mais que isso, ele foi considerado um ingênuo, pois as autoridades sardas se recusaram a ter qualquer forma de associação oficial com o General, a quem consideram um revolucionário armado. De acordo com Hubert Heyriés, Garibaldi e Mazzini queriam uma república unificada, mas diferiam sobre como atingir esse objetivo político. Garibaldi acreditava ser necessário fazer uma aliança com os monarcas para conseguir a unificação. Uma vez unida, uma república poderia ser proclamada. Para Mazzini, haveria muitos obstáculos para a implantação de uma democracia sob uma monarquia. Por isso, Mazzini raciocinou que “uma república era o objetivo a ser atingido imediatamente” (CARTA, 2013, p. 192-193).

De acordo com Carta (2013), Garibaldi foi um capital simbólico para os partidos, mas também mutável de acordo com o que era necessário segundo suas convicções. Tanto o mandante quanto o mandatário fazem parte desse jogo que envolve o campo político, ambos definindo o capital à medida que fazem parte de um ‘sistema de desvios’.¹¹ Poderíamos pensar Garibaldi de acordo com o que Bourdieu (1989, p. 173) aponta:

[...] para não correrem o risco de se verem excluídos do jogo e dos ganhos que nele se adquirem, quer se trate do simples prazer de jogar, quer se trate de todas as vantagens materiais ou simbólicas associadas à posse de um capital simbólico, aceitam o contrato tácito que está implicado no facto de participar no jogo, de o reconhecer deste modo como *valendo a pena* ser jogado, e que os une a todos os outros participantes por uma espécie de *conluio originário* bem mais poderoso do que todos os acordos abertos ou secretos.

Não sabemos da clareza de Garibaldi quanto à sua consciência de saber ser o capital simbólico dos partidos, mas Mario Isnenghi traz uma interpretação, que chama de dialética, existente no personagem, do vencedor-vencido e a do vencido-vencedor. Ele diz:

Mas Garibaldi, politicamente, é um vencido e sabe de sê-lo com suficiente lucidez crítica e autocrítica. [...] É um vencido político em relação à monarquia e ao partido moderado. E também é um vencedor. No plano territorial, a conquista do *Mezzogiorno* é coisa sua e inscreve uma página de identificação inesquecível – e contraste pungente na Itália de Lissa e Custoza. Mas também – aqui está a junção entre o vencido e o vencedor – no plano de um conjunto literário mítico. O Reino é refundado e se legitima, se adiciona uma lenda apropriando-se do herói popular. A relação resulta inevitavelmente complexa. (ISNENGHI, 1992, p. 265).¹²

Percebemos que esse autor se distancia um pouco daquilo que Bourdieu e Carta falam a respeito de uma consciência entre os acordos. Garibaldi, para Isnenghi (1992), está mais para um homem usado, mas admite que isso tudo resulta em relações inevitavelmente complexas. Giorgio Candeloro (1964), ao dissertar sobre a Expedição dos Mil, trata da

¹¹ “O campo, no seu conjunto, define-se como um sistema de desvios de níveis diferentes e nada, nem nas instituições ou nos agentes, nem nos actos ou nos discursos que eles produzem, tem sentido senão relacionalmente, por meio do jogo das oposições e das distinções” (BOURDIEU, 1989, p. 179).

¹² Tradução nossa de: “Ma Garibaldi, politicamente, é um vinto e sa di esserlo com sufficiente lucidità critica e autocritica [...] É un vinto politico nei confronti della monarchia e del partito moderato. Eppure é anche un vincitore. Sul piano territoriale, la conquista del Mezzogiorno é cosa sua e iscrive una pagina di immedesimazione épica inoblíabile – e contrasto pungente nell’Italia di Lissa e di Custoza. Ma anche – qui sta la giuntura fra il vinto e il vincitore – sul piano della affabulazione mitizzante. Il Regno si rifonda e si legittima, si annette una legenda appropriandosi dell’eroe popolare. Il rapporto risulta inevitabilmente complesso.”

questão camponesa e defende que Garibaldi não quis, com os decretos, fazer uma reforma agrária ou beneficiar a população. O interesse maior dele era aquele de “libertar” a Sicília. Contudo, o autor também não o critica:

Estas medidas de Garibaldi e Crispi a favor dos camponeses tiveram um caráter fragmentário e instrumental: esses respondiam a exigências político-militares contingentes e não eram expressões de um programa reformatório radical no campo agrário. Garibaldi era certamente animado por um sentimento humanitário e por um vivo espírito democrático, mas naquele momento era preso por um só problema concreto, aquele de recolher homens e meios de guerra para completar a liberação da Sicília, para depois libertar o *Mezzogiorno* continental e enfim chegar a Roma. (CANDELORO, 1964, p. 163).¹³

Outro autor que fala desse mesmo momento e que também mostra um lado menos heroico de Garibaldi, possibilitando perceber um homem extremamente preso por seus objetivos, é Piero Pieri (1962), dando a entender, nas entrelinhas, que Garibaldi poderia ter evitado mais derramamento de sangue e, portanto, propiciado menos sofrimento à população. Gramsci, se referindo ao Partido de Garibaldi, também fala dessa falta de aproximação com a população e, principalmente, da falta de uma programação concreta do Partido. Por isso a necessidade de Garibaldi em se juntar com os Moderados, pois o Partido de Ação “[...]” foi sempre, um organismo de agitações e propaganda a serviço dos moderados”.¹⁴ Garibaldi então seria, para a população, o mesmo que ele seria para o Partido Moderado, ou seja, haveria um mesmo jogo:

Eles servem os interesses dos seus clientes na medida em que (é só nessa medida) se servem também ao servi-lo, quer dizer, de modo tanto mais exacto quanto mais exacta é a coincidência da sua posição na estrutura do campo político com a posição dos seus mandantes na estrutura do campo social (BOURDIEU, 1989, p. 177).

Os discursos políticos são sempre duplamente determinados pelos profissionais e, por mais que a população tenha visto em Garibaldi esse duplo discurso, ele também estava sujeito a ele. O partido do Rei e de Cavour, de profissionais, era extremamente convincente por seus discursos e, principalmente, continha aquela promessa que toda a população queria ouvir. “O homem político retira a sua força política da confiança que um grupo põe nele” (BOURDIEU, 1989, p. 188).

¹³ Tradução nossa de: “Questi provvedimenti di Garibaldi e di Crispi a favore dei contadini ebbero però un carattere frammentario e strumentale: essi rispondevano ad esigenze politico-militari contingenti e non erano espressioni di un programma riformatore radicale nel campo agrario. Garibaldi era certamente animato da un sincero sentimento umanitario e da un vivace spirito democratico, ma in quel momento era tutto preso da un solo problema concreto, quello di raccogliere uomini e mezzi di guerra per completare la liberazione della Sicilia, poi liberare il Mezzogiorno continentale e arrivare infine a Roma.”

¹⁴ Tradução nossa de: “fu sempre, più che altro, un organismo di agitazione e propaganda al servizio dei moderati.”

Tanto Garibaldi como os monarquistas tiraram a força para a unificação do próprio povo, que, cansado da dominação estrangeira, queria unir a península. Foi dele que pegaram o entusiasmo e as causas, alegando que estavam fazendo o que a população pedia. Mas o Partido Moderado continha, além do povo, a burocratização, ou seja, ideias e normas que possibilitaram institucionalizar seu capital, que o fariam ficar na história, além de contarem com o apoio de Garibaldi. Deram um lugar de permanência para ele não por sua ajuda, mas sim por aquilo que Bourdieu chama de mecanismos e estratégias. Criaram, então, a materialização desse capital, de forma que isso ficasse na memória coletiva, como forma de decidir o que deveria ser lembrado e o que deveria ser esquecido.

Gramsci (2000, p. 88) chama os moderados de “intelectuais *condensados* já naturalmente da organicidade do seu relacionamento com os grupos sociais de que eram a expressão”.¹⁵ Essa notoriedade diante de alguns e a necessidade diante de outros possibilita que:

Este capital pessoal de notável é produto de uma acumulação lenta e contínua, a qual leva em geral toda uma vida, o capital pessoal a que se pode chamar heroico e profético e no qual pensa Max Weber quando fala de ‘carisma’ é produto de uma acção inaugural, realizada em situação de crise, no vazio e no silêncio deixado pelas instituições e os aparelhos: acção profética de doação de sentido, que se fundamenta e se legitima ela própria, retrospectivamente, pela confirmação conferida pelo seu próprio sucesso à linguagem de crise e à acumulação inicial de força de mobilização que ele realizou. (BOURDIEU, 1989, p. 191).

Mais uma vez, vemos como, no político, o poder é presente e como ele cria e recria situações ou relações. Quem detém o político detém o poder, mas, de acordo com Bourdieu (1989, p. 188), o poder simbólico é algo a mais:

O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá, àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que ele lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe. [...] Mandatário unido aos seus mandantes por uma espécie de contrato racional – o programa –, ele é também campeão, unido por uma relação mágica de identificação àqueles que, como se diz, “põem nele todas as esperanças”.

Parece que existe, na história de Garibaldi, uma série de contratos (conscientes ou não) baseados no poder simbólico: seu contrato com Cuneo e Mazzini, seu contrato com a população e seu contrato com o Partido Moderado. Além disso, seu contrato com ele mesmo tinha como objetivo ‘unificar’. Delineia-se, assim, uma série de projetos que antecedem a Garibaldi e que possibilitaram, em um futuro não muito distante, a construção

¹⁵ Tradução nossa de: “Intellettuali condensati già naturalmente dall’organicità dei loro rapporti con i gruppi social di cui erano l’espressione.”

de um mito, que, como tal, está sujeito a suspeitas, ainda mais quando se funda em um campo político suspeito.

Considerações Finais

Após termos conhecido essa produção, encontramos, inicialmente, Giuseppe Garibaldi envolvido no que chamamos de político, que se caracteriza pela organização de uma vida dentro de si e da própria sociedade. Como consideração conclusiva – que pode tomar outros rumos durante o desenvolvimento futuro deste tema – temos que Garibaldi estava demasiadamente envolvido em seus ideais, possibilitando, então, que as circunstâncias das conjunturas o levassem no caminho que elas desejassem.

Esteve envolvido, desde sempre, em um *jogo político* que articulou sua vida, em contratos baseados no *poder simbólico* e contratos que, muitas vezes o antecederiam, gerando a construção de um mito. Ele não deixa de fazer, também, um contrato consigo mesmo, no qual notamos a aceitação em sustentar um mito que deveria ficar na história. Ademais, há um contrato de seu papel perante a sociedade, que variou ao longo de sua vida, mas que nunca deixou de marcar sua vontade em ver a Itália unida.

Existiu a preocupação em construir a imagem desse personagem. A necessidade de um herói para a construção de uma pátria, assim como Carlyle sugere em seus textos, se fez presente. A partir disso, se construiu um projeto político que antecedia as escolhas do próprio personagem e do qual provavelmente nem o próprio Garibaldi se deu conta inicialmente. Desde o seu primeiro biógrafo, Giovanni Batista Cuneo, que mesmo pelas indiferenças pessoais com Garibaldi se preocupou em falar sobre ele, a imagem desse personagem foi alvo de múltiplas construções. Luigi Rosetti também teve essa preocupação na imprensa. Era necessário apresentar a personalidade política e ideológica de Garibaldi como símbolo ideológico. A unificação deveria ser feita e Garibaldi simbolizava essa necessidade.

Em seu período maduro, por volta dos 40 anos, Garibaldi começou a se preocupar com sua autopromoção, realizada através da construção de sua autobiografia. Após a confecção desse texto, ele iniciou uma intensa busca por alguém que a publicasse, o que ocorreu por volta de 1858. A partir disso, podemos pensar: ou Garibaldi se deu conta desse projeto que o antecedeu e viu ser necessário que seu ponto de vista ficasse na História ou ele estava demasiadamente envolvido pelas modas de sua época, na qual a formulação da autobiografia estava inserida. De acordo com Gay (1999), existia uma busca intensa do eu,

quase uma neurose. Por fim, é possível podermos juntar as duas hipóteses e dizer que ele se utilizou de algo forte no período, a autobiografia, para então deixar seu ponto de vista, a sua própria construção na História.

Por meio da precaução de Garibaldi em escrever suas memórias podemos entender que, além de ser uma autobiografia que tenta traçar um modelo de homem – aliás, muito presente durante o século XIX, aquele ideal de um homem herói que se torna símbolo de alguma causa –, ele quer também deixar um testemunho seu diante do que tanto foi dito sobre ele. Para isso, não se desnuda, não faz uma escrita *desvelando o coração*, ou seja, é possível notar um propósito em sua escrita, como se escolhesse os fragmentos que deveriam ficar na História e mantê-lo vivo como modelo para uma nação. Essa consideração foi reforçada pelo conhecimento que temos sobre sua busca intensa para a publicação delas.

Ele escreveu já pensando no que os outros queriam ouvir e no que ele poderia falar para mostrar que seus propósitos foram justos. Não podemos definir se ele foi manipulado ou não, mas muitos dos escritores aqui citados e o próprio Garibaldi falam de uma tentativa positiva para com a população e que é quem estava ao seu lado que fez as coisas seguirem outro rumo. A construção da imagem de Garibaldi que acontecia já antes de 1850, data de publicação de sua primeira biografia, antes exaltado pelos jornais, ajudou no jogo político que se construiu após 1848. O rei e Cavour se utilizaram da imagem e da ação de Garibaldi para conseguir seus objetivos, tanto o bem da população quanto para lograr seus próprios interesses. Entretanto, o que nos interessou foi verificar a relação deste com o personagem e podemos dizer que, mais uma vez, Garibaldi se envolveu em um projeto que o antecedeu, sem, contudo, provavelmente, por estar envolvido por suas paixões políticas, ter percebido sua dimensão.

Esse projeto modificou suas relações e seus ideais de quando jovem. Porém, podemos dizer que o advento da maturidade fez com que repensasse suas ideias? Com certeza isso contribuiu, mas, Garibaldi, envolvido por suas paixões políticas, deixou sua posição de fala de quando jovem, ou seja, quando ele se associou a Mazzini, para então se associar à Monarquia. Contraditoriamente, ele se define republicano e considera a ditadura como algo válido para acalmar o ânimo da população e, então, pensar o melhor para ela. Critica, a partir disso, aquele número extenso de homens que existem no campo político, considerando-o desnecessário, pois desviam-se do que é bom para a população. Afirma que poucos ajudam de verdade, os outros só atrapalham.

Há, assim, essa série de contratos que fazem parte da trajetória de Garibaldi e que levaram à construção de um mito e, conseqüentemente, de uma extensa produção sobre esse personagem, que vai daquela que sustenta o herói inquestionável aos que por todo caminho

querem mostrar que Garibaldi não pode ser considerado herói, mas apenas um homem interessado em si mesmo.

GIUSEPPE GARIBALDI: BETWEEN POLITICAL PASSION AND POLITICAL GAME

Abstract: In this article, we explore the political field that surrounds the path of Giuseppe Garibaldi. For this purpose it was necessary to come up with the place of speech of the character, we did it by the analysis, of some authors, that spoke about his military and political actions. We are interested in understand the political game that involved him and especially we question about an existence of a political project that preceded him. Garibaldi, surrounded by his political passions, made the junctures guide his achievements? On the other hand, was he aware of everything that surrounded him and the leading of his own history? Turning to the political time, as Koselleck (2006) suggests, referring to the period of the seventeenth century on, we will explore how Garibaldi was involved with this political period.

Keywords: Time. Political. Garibaldi.

Referências

BORDONAL, Guilherme C.; GIANNATTASIO, Gabriel. Uma pós-modernidade trágica: a historiografia para além da verdade e da mentira. In: GIANNATTASIO, Gabriel; IVANO, Rogerio (Org.). *Epistemologia da História: verdade, linguagem, realidade, interpretação e sentido na pós-modernidade*. Londrina: EDUEL, 2013. p. 13-46.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de M. (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.

_____. A representação política, elementos para uma teoria do campo político. In: _____. (Org.). *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1989. Cap. 7, p. 163-207.

CANDELORO, Giorgio. *Storia dell'Italia moderna, IV, Dalla rivoluzione nazionale all'Unità*. Milano: Feltrinelli, 1964. p. 462-465.

CARTA, Gianni. *Garibaldi na América do Sul: o mito do gaúcho*. São Paulo: Boitempo, 2013.

CUNEO, Giovanni B. *Biografia di Giuseppe Garibaldi*. Torino: Tipografia Fory e Dalmazzo, 1850.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DUMAS, Alexandre. *Memorie di Giuseppe Garibaldi*. Milano: Tipografia di Alessandro Lombardi - prima versione di L. E. Tettoni, 1860. v. 1-2.

FLORES, Moacyr. *Modelo político dos farrapos*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982. p. 208.

- GAY, Peter. *O coração desvelado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GARIBALDI, Giuseppe. *Memorie autobiografiche*. Firenze: G. Barbera, 1888.
- GRAMSCI, Antonio. *Il Risorgimento*. Roma: Editori Riuniti, 2000. p. 86-92.
- HOBSBAWN, Eric J. *A era dos impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- ISNENGHI, Mario. I due volti dell'eroe. Garibaldi vincitore-vinto e vinto-vincitore. In: BERTELLI, S.; CLEMENTE, P. (Org.). *Tracce dei vinti*. Firenze: Ponte alla Grazie, 1992. p. 265-266; 288-297.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passato: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- MARTUCCI, Roberto. *L'invenzione dell'Italia unita 1855-1864*. 4. ed. Milano: RCS Sansoni, 2011.
- MILZA, Pierre. *Garibaldi*. Milano: Longanesi, 2013. p. 560.
- PAGANO, Antonio. *Chie era veramente l'avventuroso dei due mondi?* Sicilia: periodico duesicilie, 2008. Disponível em: <<http://www.brigantaggio.net/brigantaggio/personaggi/Garibaldi02.htm>>.
- PELLICIARI, Angela. Giuseppe Garibaldi: chi era costui? In: _____. *L'altro Risorgimento*. Casale Monferrato: Piemme, 2000. p. 228-234.
- PIERI, Piero. *Storia militare del Risorgimento*. Torino: Einaudi, 1962. p. 670-674.
- SCIROCCO, Alfonso. *Garibaldi: battaglie, amori, ideali di um cittadino del mondo*. Bari: Economica Editori Laterza e Figli, 2011.
- SPADOLINI, Giovanni. II - La proposta di Garibaldi. In: _____. *I radicali dell'ottocento da Garibaldi a Cavour*. Firenze: Le Monnier, 1982. p. 16-19.

SOBRE A AUTORA

Isabella Nogueira é mestrandia em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Recebido em 24/05/2017

Aceito em 06/07/2017